



A arte indígena pra nenhum branco botar defeito

A exposição "Arte Plumária do Brasil", promovida pelo Ministério das Relações Exteriores e MEC, através da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Fundação Nacional Pró-Memória, estará aberta ao público até o final deste mês, a partir do meio-dia, no Salão de Exposições do Itamarati.

Organizada por Noberto Nicola e coordenada por Sema Petragnani, a realização da mostra "Arte Plumária do Brasil" contou ainda com a colaboração da Dr.^a Lux Vidal, antropóloga e docente da USP e de Sônia Ferraro Dorta e Lúcia Hussak Van Velthem, etnólogas do Museu Paulista e Museu Paraense Emílio Goeldi. Montada pela primeira vez no ano passado, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, logo depois a exposição, escolhida pela Associação Paulista de Críticos de Arte como a melhor do ano, foi levada para Belém.

Todo o acervo de peças expostas, cerca de 350, veio dos museus Paulista, Goeldi, Nacional e Plínio Ayrosa e também de vários colecionadores particulares. Segundo Marisa Ricupero, pesquisadora da Fundação Nacional Pró-Memória, várias dessas peças emprestadas pelos museus são de grupos indígenas já extintos, como os Kayapós (do Pará) e os Bororó Ocidentais (do Mato Grosso). "Outras peças são de grupos que já perderam a sua tradição ou não encontram mais a matéria-prima para os seus trabalhos e, ainda temos algumas de grupos indígenas atuantes".

Sendo a arte plumária realmente representativa dos grupos indígenas brasileiros e considerada como uma das manifestações mais originais da nossa cultura, Marisa diz que o objetivo desta exposição é, além de mostrar, valorizar o trabalho do índio. "Nós queremos que as pessoas conheçam o trabalho do nosso índio que, ao contrário de muitas de nossas peças artísticas, tem sempre um valor utilitário e está ligado aos rituais de festas como o nascimento, a morte e a adolescência. Além disso há o perigo que essa arte se perca e é também nosso objetivo impedir que isto aconteça".

Segundo Sônia Ferraro Dorta e Lúcia Hussak Van Velthem o termo "plumária" serve para designar os artefatos feitos a partir de penas de aves e utilizados sobretudo como adorno corporal pelos índios brasileiros. "A arte plumária no Brasil é uma das manifestações artísticas mais expressivas do nosso índio, pois alia um tipo de matéria-prima de incomparável beleza, um perfeito domínio de procedimentos técnicos e um senso estético altamente desenvolvido e, esta exposição pretende apenas ilustrar a diversidade dessa manifestação".

Na confecção dessa arte, a matéria-prima é basicamente a mesma para todos os grupos tri-

bais brasileiros. Contudo, muitas tribos desenvolveram um estilo próprio, o que permite aos etnólogos identificar a sua origem com bastante precisão. Para eles existem no Brasil dois grandes estilos plumários: um que congrega apenas longas associadas a suportes rígidos que conferem um aspecto grandioso e monumental ao artefato (como é o caso dos Bororós, Karajá, Tapirapé, Kayapó, Tiriyo) e outro que caracteriza-se pelo uso de diminutas penas dispostas em suportes flexíveis de aspecto primoroso e delicado (é o trabalho dos Munduruku, Urubu-Kaapor e outros grupos tupis). Podemos ainda ter um terceiro grupo que misturam essas duas características, como por exemplo, os Tukano.

Como todo trabalho indígena é ligado a uma utilidade, os adornos plumários não servem apenas para enfeitar o corpo ou outros objetos. Para Sônia Ferraro e Lúcia Hussak eles podem ser considerados verdadeiros códigos que transmitem, numa linguagem não verbal, mensagens sobre sexo, idade, filiação clânica, posição social, importância cerimonial e grau de prestígio de seus portadores. "Além de enfeitos, portanto, eles são símbolos usados nos ritos e cerimônias".

Um dado importante é que a manufatura dos artefatos plumários é tarefa predominantemente masculina entre os índios brasileiros. Sua confecção necessita de várias atividades preliminares que começam com a preparação do instrumental à caça: diferentes tipos de armadilhas e armas servem ou para matar o pássaro ou mantê-lo em cativeiro e, neste caso, as aves fornecem aos índios matéria-prima regularmente. Depois vem a depenação, seleção, preparo das penas e a obtenção dos materiais de suporte.

Etnólogos e antropólogos do Brasil são unânimes em admitir que hoje a arte plumária sofre o perigo de uma total descaracterização em virtude do contato com o branco que cria novas necessidades para os índios, afetando negativamente suas crenças e atividades tradicionais. Outro aspecto é que a redução do território indígena e a derrubada das matas pelo civilizado determinam o extermínio de grande quantidade de pássaros e acabam com a matéria-prima.

Aqui fica um alerta. Essas peças que vocês vão ver no Salão de Exposições do Itamarati são realmente tradicionais e de muita importância para as culturas indígenas. Várias outras, encontradas por aí, podem ser consideradas peças turísticas, confeccionadas em número cada vez maior e adaptadas ao gosto do homem branco. Essas peças caracterizam-se pela combinação extravagante de penas e outros materiais, pelo reduzido tamanho em relação ao objeto original e pela técnica desleixada.

Vânia Cristina



Alguns cocares dos nossos índios em exposição no Itamarati